

SEMINÁRIO

MÚSICA SACRA EM ÉVORA NO SÉCULO XVIII



LIVRO DE RESUMOS

ORGANIZAÇÃO

Centro de Estudo de Sociologia e Estética Musical/Pólo Universidade de Évora

Igreja de São Vicente, 16 de Fevereiro de 2017

PROGRAMA

- 15h00 Abertura
- 15h10 Filipe Mesquita de Oliveira
“O testemunho da obra de Ignácio António Ferreira de Lima († 1818) no contexto dos fundos musicais da Sé de Évora”
- 15h30 Maria João Durães Albuquerque
“A edição de música sacra em Portugal nos séculos XVIII e XIX”
- 15h50 Luís Henriques
“Música vocal na Sé de Évora no século XVIII: A continuidade polifónica na música para a Semana Santa”
- 16h10 Rita Faleiro
“Os salmos concertados de Miguel Anjo do Amaral: uma introdução às suas características estruturais e de instrumentação”
- 16h30 Discussão
- 16h50 Intervalo
- 17h00 Artur Goulart de Melo Borges
“Oldovino – Um organeiro genovês na Évora setecentista”
- 17h20 João Pedro Costa
“A prática instrumental na Catedral de Évora: As suas formações na segunda metade do século XVIII e primeiras décadas do XIX”
- 17h40 Vanda de Sá
“Paisagem sonora e património musical da cidade de Évora – Alicerces para um projecto interactivo de levantamento de dados em rede”
- 18h00 Discussão
- 18h20 Encerramento

Organização

CESEM – Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical/Pólo Universidade de Évora
Projecto “Música Sacra em Évora no Século XVIII” | www.musicaevora.wordpress.com

Apoio

Colecção B, Associação Cultural

O testemunho da obra de Ignácio António Ferreira de Lima († 1818) no contexto dos fundos musicais da Sé de Évora

FILIPPE MESQUITA DE OLIVEIRA

No contexto do Arquivo Musical da Sé de Évora a obra de Ignácio António Ferreira de Lima († 1818) é merecedora da nossa atenção. Trata-se do compositor de quem se conhecem maior número de obras no período de transição do século XVIII para o XIX. Penúltimo Mestre da Capela eborense, Ferreira de Lima tem sido ignorado pela musicologia portuguesa, à excepção da recolha de alguns dados biográficos por parte de José Augusto Alegria na década 70 do século passado e das referências que dele fez Ernesto Vieira em 1900 no seu *Diccionario Biographico...*, sublinhando [...] *que sabia do mister* [...] em matéria de composição.

Juízos qualitativos à parte, o facto é que o espólio de Ferreira de Lima que hoje a Sé preserva permite-nos estudar, dada a sua dimensão significativa, diversas perspectivas da produção musical sacra durante este período. As partituras e partes cavas no contexto das suas obras coral-sinfónicas, surgem assim como um testemunho da prática instrumental em Portugal, durante este período. São múltiplos os factores que para tal concorrem, desde a existência de partes cavas não notadas na partitura, passando pelas grandes diferenças de texto musical na comparação entre partitura e partes, até ao interessante rol de anotações deixadas à margem pelos músicos nas suas partes, que nos transmitem novos dados sobre a prática de execução orquestral neste contexto. Sobretudo no tocante às linhas graves do discurso orquestral, em particular violoncelos e fagotes, destaca-se um número significativo de variantes entre partituras, partes cavas e partes concertantes. Também algumas partes cavas de madeiras revelam práticas de execução que se encontram muito para lá da partitura. Neste sentido, a presente comunicação incide sobre os vários aspectos da problemática orquestral no seio da produção sacra de Ferreira de Lima, resultantes da análise de uma série de obras. O seu objectivo é constituir-se como um estudo de caso que poderá e deverá ser aplicado a muitos outros compositores inseridos em idênticas circunstâncias histórico-estilísticas.

Filipe Mesquita de Oliveira, Doutorado em Música e Musicologia pela Universidade de Évora, é actualmente Professor Auxiliar nessa instituição. O seu domínio de especialização é a música instrumental ibérica dos séculos XVI e XVII, em particular a de tecla. Tem vindo a desenvolver trabalho de investigação em torno da música instrumental portuguesa também noutros períodos históricos, nomeadamente, no período final do Antigo Regime. É actualmente coordenador do projecto *Música Sacra em Évora no século XVIII* que visa lançar alicerces para o estudo dos fundos musicais da cidade através da construção de um catálogo digital a ser posto à disposição da comunidade científica. Como conferencista destacam-se diversas apresentações em Portugal e no Estrangeiro: *Thirteenth Biennial International Conference on Baroque Music* (Leeds, 2008), *Medieval-Renaissance Music Conference* (Utrecht, 2009, Barcelona 2011 & Birmingham 2014), *1st & 2nd International Conference on Keyboard Historical Music* (Edinburgh, 2011 & 2013), *Performa '11* (Aveiro, 2011), *ENIM I, II & III* (Porto, 2011, Castelo Branco 2012, Cascais 2013), *Congresso Internacional D. Henrique e as múltiplas dimensões do poder no século XVI*

(Évora, 2012), *Residência Cisterciense em S. Bento de Cástris - O Silêncio* - (Évora, 2013 & 2014), *Instrumental Music in the Iberian World 1760-1820* (Lisboa, FCG, 2013), *III Simpósio sobre os Paradigmas do Ensino do Instrumento Musical no século XXI* (Évora, 2013), *III Simpósio Internacional de Música Ibero-Americana* (Lisboa & Oeiras, 2014). Entre as suas publicações mais recentes contam-se: «Some aspects of P-Cug, MM 242: António Carreira's keyboard *tentos* and *fantasias* and their close relationship with Jacques Buus's *ricercari* from his *Libro primo* (1547)» in *Interpreting Historical Keyboard Music - Sources, Contexts and Performance* (Farnham: Ashgate, 2013); *As recomposições dos ricercari do Libro primo... de Jacques Buus no manuscrito P-Cug MM 242 e a execução instrumental em Portugal em meados do séc. XVI* (Performa'11); *Contributo ao estudo das obras para tecla atribuídas a António Carreira, «O Velho»* (Universidade de Évora-UnIMeM/FCT – 2012); «The Recompositions of Buus's Ricercari from his Libro primo... in Manuscript P-Cug MM 242 and the didactic processes of the Friars of the Santa Cruz Monastery in Coimbra» in *History Research*, Vol. 3, nº 6 (Rosemead, David Publishing 2013) e *Música instrumental no período final do Antigo Regime: contextos, circulação e repertórios*, (Lisboa: Colibri, 2014).

A edição de música sacra em Portugal nos séculos XVIII e XIX

MARIA JOÃO DURÃES ALBUQUERQUE

A edição musical, enquanto atividade dedicada à impressão de música com vista à sua publicação e distribuição a um público alargado, começou a desenvolver-se em Portugal em meados do século XVI, aplicada então, quase exclusivamente, a livros litúrgicos.

Quando chegamos ao século XVIII, a impressão de música sacra, já se tinha generalizado entre os editores livreiros e é neste período que este género musical conhece o maior número de edições, quer de livros litúrgicos, quer de manuais de cantochão para o ensino, destinadas essencialmente aos conventos. É neste século que se desenvolve a gravura e a sua aplicação na impressão musical, surgindo assim as primeiras edições de música religiosa concertante, como é o caso do *Stabat Mater* de José Joaquim dos Santos, uma das primeiras edições da Oficina de Francisco Domingos Milcent.

O movimento de instauração do Liberalismo, no século XIX, acabou por ter efeitos profundos no interior da Igreja e na forma como esta se relacionava com a sociedade civil. A extinção das ordens religiosas masculinas e a nacionalização dos seus bens teve consequências bastante significativas do ponto de vista cultural e, afetou, forçosamente, as práticas musicais litúrgicas e a música religiosa em geral.

A falta de um público comprador regular dos livros litúrgicos trouxe naturalmente a diminuição progressiva destas edições até ao seu total desaparecimento.

Assim, durante o século XIX as poucas edições de música sacra são fundamentalmente manuais de cantochão destinados ao ensino nos vários seminários nacionais e edições de cânticos sacros de composição original para execução em celebrações de congregações religiosas. Neste período surge ainda um género, que designámos de canção sacra, que se destinava a execuções

privadas de carácter doméstico, desvinculadas das cerimónias religiosas. Pretende-se nesta apresentação analisar a edição da música sacra em Portugal nos séculos XVIII e XIX, contribuindo para um melhor conhecimento do repertório editado ao longo destes dois séculos, bem como identificar os espaços editoriais deste género musical.

Maria João Durães Albuquerque é bibliotecária e Investigadora Integrada do Instituto de Etnomusicologia - Centro de Estudos de Música e Dança (FCSH-UNL). Tem desenvolvido estudos na área da documentação musical, nomeadamente sobre a edição musical, e no campo da curadoria da informação. Concluiu, em 2013, o doutoramento europeu em Ciências da Informação, pela Universidade Complutense de Madrid, sob a orientação científica de Rui Vieira Nery, com tese sobre a edição musical em Portugal entre 1834 e 1900, a qual foi distinguida, em 2015, com “Prémio Extraordinário de Doctorado”. Participou no projeto de pesquisa “Estudos de Música instrumental, 1755-1840” (UnIMeM - UE). Recebeu uma Menção Honrosa no Prémio Raul Proença 2004, atribuído pela Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e documentalistas (BAD) com o apoio do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (IPLB).

Música vocal na Sé de Évora no século XVIII: A continuidade polifónica na música para a Semana Santa

LUÍS HENRIQUES

A Semana Santa constitui, junto com o Natal, a maior festividade do Ano Litúrgico uma vez que durante essa semana, com especial ênfase nos três últimos dias (o *Triduum Sacrum*) são celebrados os derradeiros momentos da vida de Cristo. Como tal, este é tradicionalmente um período para o qual grande quantidade de música foi escrita desde os primórdios da prática polifónica, incidindo maioritariamente sobre o ofício de Matinas, concentrando-se nos responsórios e lamentações. O conteúdo dos textos para estes dias, narrando o sofrimento e morte de Cristo, constituiu também uma base atractiva para os compositores seiscentistas, ocorrendo na sua produção musical grande quantidade de obras para a Quaresma e Semana Santa carregadas de expressividade e dissonância. Com o início do século XVIII houve um consequente abandono do estilo polifónico em função de um estilo “moderno” assente no que se conhece como *estilo concertado* de influência italiana. Todavia, em virtude da ausência de instrumentos (órgão) durante o período quaresmal e grande parte da Semana Santa, a escrita de polifonia exclusivamente vocal continuou em obras de pequena dimensão, genericamente denominadas como “motetes”. Estas obras incluíam hinos e antífonas, responsórios breves e uma série de outros cânticos para as várias procissões que ocorriam durante essa semana. Este estudo incide sobre estas obras de pequena dimensão, situando-as nos momentos litúrgicos para os quais estavam destinadas e as transformações em termos da sua escrita ao longo do século XVIII.

Doutorando em Música e Musicologia na Universidade de Évora, é Mestre em Ciências Musicais pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa e Licenciado em Musicologia pela Universidade de Évora. É colaborador do CESEM – Pólo Universidade de Évora e o Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa sendo também consultor para o atelier de conservação e restauro acroARTE da ilha de S. Jorge. De 2011 a 2012 realizou o catálogo do fundo musical do Arquivo Capitular da Sé de Angra e entre 2014 e 2015 foi bolseiro no projecto “Orfeus – A reforma tridentina e a música no silêncio claustral: O Mosteiro de S. Bento de Cástris”. Em 2012 fundou o Ensemble da Sé de Angra e, em 2013, o Ensemble Eborensis, grupo dedicado à polifonia vocal de Évora, tendo realizado concertos em Portugal e França e com quem gravou um CD no âmbito do projecto Orfeus. O seu trabalho tem-se concentrado na polifonia vocal sacra portuguesa dos séculos XVI e XVII, sobretudo aquela associada à cidade de Évora, e a música no arquipélago dos Açores desde o povoamento ao início do século XX.

Os salmos concertados de Miguel Anjo do Amaral: uma introdução às suas características estruturais e de instrumentação

RITA FALEIRO

Nesta comunicação, falar-se-á sobre seis dos sete salmos compostos por Miguel Anjo do Amaral, tenor da Sé de Évora, em finais do séc. XVIII.

Um primeiro objectivo será o enquadramento destes salmos no Ofício. Partindo de comparações com outros compositores, pretende-se perceber para que rubrica do ofício estes salmos foram compostos, e se formarão uma colecção completa, ou se serão apenas alguns salmos avulso pertencentes a um determinado conjunto.

Partindo da transcrição dos manuscritos dos salmos presentes no Arquivo da Sé, delinear-se-á a estrutura básica dos salmos, fazendo referência à maneira como Amaral distribui os diversos versos do texto pela música. Analisar-se-ão as sequências de andamentos e tipologia de compassos utilizados para entender se existe alguma estrutura tipo (como seja por exemplo uma estrutura tripartida em termos de andamentos/compassos ou mesmo tonalidades). Finalmente, far-se-á uma análise da utilização de instrumentação ao longo dos salmos. Pretende-se entender até que ponto foram utilizados os músicos pertencentes à Sé (comparando com o quadro de instrumentistas que José Augusto Alegria traça na sua História da Escola de Música da Sé de Évora) ou se terão existido músicos vindos de fora (o que coincide com a crescente mobilização de músicos que existe em Portugal nesta altura).

Rita Faleiro é doutoranda em Musicologia na Universidade de Évora, Mestre em Ensino da Música (Piano) pelo ISEIT – Almada, sob a orientação do Professor Doutor Paulo Oliveira, e Licenciada em Piano e Arqueologia pela Universidade de Évora.

Trabalhou como professora de Piano em diversas instituições e conservatórios e organizou várias Masterclasses e concursos (como por exemplo o I Concurso Musical da Escola Básica e Secundária da Bemposta, ou a 1ª Masterclass de Piano da Bemposta com o pianista Miguel Sousa). Participou igualmente em múltiplas edições das Jornadas “Escola de Música da Sé de Évora” e frequentou workshops e masterclasses nas áreas do canto gregoriano (integrada nas Semanas de Estudos Gregorianos promovidas pelo Centro Ward de Lisboa), direcção coral (com

maestros como Paulo Lourenço e Paulo Brandão) e piano, com pianistas conceituados como Filipe Pinto Ribeiro, Sequeira Costa ou ainda Liudmila Roschina.

Actualmente o seu trabalho académico centra-se sobretudo na investigação de música sacra portuguesa de finais do séc. XVIII e inícios do séc. XIX.

Está integrada na equipa constituinte do projecto Música Sacra em Évora no séc. XVIII, pertencente à Universidade de Évora e em parceria com o CESEM – polo de Évora e coordenado pelo Doutor Filipe Mesquita de Oliveira.

Oldovino – um organeiro genovês na Évora setecentista

ARTUR GOULART DE MELO BORGES

É conhecida, durante os séculos XVI, XVII e início do século XVIII, a existência de órgãos na Sé de Évora e nas principais igrejas monacais eborenses. Quando, na documentação, isso não é explícito, a referência à profissão de organistas nos assentos paroquiais e notas de despesas tornam-na por demais evidente.

São raríssimos, todavia, os organeiros conhecidos e respectivos contratos desse período.

Em 1742, com a vinda para Évora do organeiro genovês Pascoal Caetano Oldovino, contratado para construir o órgão grande da igreja conventual de São Francisco, o panorama organístico vai alterar-se. Terminada a encomenda para a igreja franciscana, fixa residência na cidade, aí instala a sua oficina, casa com D. Lauriana Rosa, originária de Palmela, integra-se plenamente na sociedade eborense até ao seu falecimento em 25 de Abril de 1785.

A presença dele em Évora veio permitir, sobretudo pela facilidade de encomendas e de melhores preços, o aumento da produção organística nas igrejas e conventos citadinos, bem como o necessário trabalho de manutenção e afino dos instrumentos existentes. A sua acção vai estender-se a todo o Alentejo, sendo conhecidos cerca de uma trintena de órgãos da sua autoria.

Natural de Velas (S. Jorge), Açores. Licenciado em Arqueologia Paleocristã, em Roma, Itália, com estudos de pós-graduação em Museologia e História da Arte. Professor do Seminário Maior de Angra de 1962 a 1978. Curso Superior Livre de Estudos Árabes. Comunicações a Congressos e Colóquios sobre Estudos Árabes em Portugal, em especial sobre epigrafia. Técnico superior do Museu de Évora de 1979 a 1999, exercendo o cargo de Director de 1992 a 1999. Integrado em várias antologias de poesia açoriana. Um livro de poemas “No fio das palavras” (2010). Vogal da Comissão Diocesana dos Bens Culturais da Igreja, da Arquidiocese de Évora e, de 2002 a 2014, coordenador do Inventário do Património Artístico Móvel da Arquidiocese de Évora. Colaborador com o Secretariado Nacional dos Bens Culturais da Igreja, em cursos, conferências e seminários relacionados com o Património Religioso. Autor do projecto museológico e organização do Museu de Arte Sacra de Elvas e do núcleo museológico de Arte Sacra na Igreja de São Francisco, de Évora.

A prática instrumental na Catedral de Évora: As suas formações na segunda metade do século XVIII e primeiras décadas do XIX

JOÃO PEDRO COSTA

A Catedral de Évora, tal como as igrejas portuguesas de maior importância, apresenta ao longo dos séculos XVII a XIX agrupamentos instrumentais com uma constituição heterogénea, cuja diversidade e número aumenta desde a segunda metade do século XVIII e, mais intensamente, durante todo o século seguinte. Este trabalho baseou-se num estudo comparativo da informação sobre os músicos que tiveram atividade na Catedral de Évora, que se encontra no Arquivo desta instituição e no Arquivo Distrital de Évora, e o seu confronto com as obras literárias de Vasconcellos (1870); Vieira (1900); Mazza (1945); e Alegria (1973a), (1973b) e (1997). Após este levantamento, foram selecionadas as obras destes músicos depositadas no Arquivo da Sé desta cidade para verificar a sua instrumentação. Assim, esta comunicação, partindo das fontes acima enumeradas, tem como objectivo apresentar as possíveis formações instrumentais mais utilizadas nas cerimónias litúrgicas da Catedral de Évora, comparando-as com os registos de pagamentos relativo a músicos desta instituição.

João Pedro Costa é licenciando em Musicologia no Curso de Música da Escola de Artes da Universidade de Évora e integra o projecto “Música Sacra em Évora no Século XVIII”.

Paisagem Sonora e Património Musical da Cidade de Évora – Alicerces para um Projeto Interativo de levantamento de dados em rede.

VANDA DE SÁ

Évora foi um dos mais importantes centros musicais de Portugal, com uma actividade musical dinâmica cujas primeiras referências documentais remontam ao século XIII. Esta actividade foi, sobretudo, de ordem eclesiástica tendo a elevação do bispado a arcebispado em 1540 e a acção dos cardeais-infantes D. Afonso e D. Henrique enquanto patronos das artes tornado a cidade num importante centro de produção e difusão de música. O aspecto urbano no respeitante à actividade musical, com inúmeras igrejas e mais de uma dezena de instituições religiosas, proporciona uma “paisagem sonora” particularmente rica. Este conceito que tem vindo a ganhar cada vez mais expressão nos círculos musicológicos internacionais permite entender a música realizada numa determinada área a partir de uma perspectiva contextual abrangente, contrariamente à leitura que ainda hoje teima em centrar-se num compositor ou grupo restrito de compositores.

No seguimento de projectos deste género realizados na Andaluzia (Sevilha e Granada), o projecto proposto para Évora assenta na cartografia do maior número possível de eventos históricos sonoros na cidade de Évora desde o século XV até 1910. Pretende-se propor a criação de uma base de dados interactiva com os respectivos eventos e a compilação de documentos áudio e visuais que permitam ao visitante experienciar o máximo possível de cada evento. Estes eventos permitem criar itinerários temáticos para o visitante explorar uma série de cenários musicais históricos através de várias plataformas virtuais, como apps para smartphones, tablets entre outras, no sentido de enriquecer o percurso *in loco* na cidade.

Doutorada em Musicologia (Universidade de Évora) e mestrado em Ciências Musicais (FCSH-UNL). Professora Auxiliar do Departamento de Música da Universidade de Évora. Principal domínio de investigação: música instrumental no período final do Antigo Regime. Membro do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM-FCSH), colaboradora do Centro de Investigação INET-MD (na linha de investigação em Musicologia) e Investigadora Responsável do Projecto de Investigação “Estudos de Música Instrumental 1755-1840”, financiado pela FCT (2010-14). Directora do Museu da Música Portuguesa – Casa Verdades Faria (2010-2011).